

A TEORIA DA ORIGEM DA HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE PORTUGUESA PRESENTE NO ROMANCE *O BARÃO DE LAVOS*, DE ABEL BOTELHO: UM OLHAR FOUCAULTIANO

Bruno Emanuel Vieira (mestrando em Letras pela UFPR)

Denise Gabriel Witzel (professora adjunta da Unicentro)

RESUMO

Este estudo versa sobre a construção histórica da imagem do sujeito homossexual em Portugal no século XIX, a partir da leitura do romance *O Barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho (1854-1917). Neste livro, parte de uma série de obras em que Botelho se dedica à análise daquilo que chama de “patologias sociais”, o narrador se utiliza do recurso da digressão para propor uma teoria acerca da origem da homossexualidade na sociedade portuguesa. O percurso analítico escolhido foi o dos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos do filósofo Michel Foucault, sobretudo o seu método de análise arqueogenalógico. Nesse sentido, analisamos o texto a partir de suas implicações históricas, sociais e das relações de poder que o cercam. Buscamos, com este trabalho, compreender o corpo como objeto discursivo e averiguar a produção de saberes e de poderes que o atingem.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. Abel Botelho. *O Barão de Lavos*. Michel Foucault. Corpo.

THE THEORY OF THE ORIGIN OF HOMOSEXUALITY IN PORTUGUESE SOCIETY PRESENT IN THE NOVEL *O BARÃO DE LAVOS*, BY ABEL BOTELHO: A FOUCAULTIAN LOOK

ABSTRACT

This study deals with the historical construction of the image of the homosexual subject in Portugal in the 19th century, from the reading of the novel *O Barão de Lavos* (1891), by Abel Botelho (1854-1917). In this book, part of a series of works in which Botelho dedicates himself to the analysis of what he calls “social pathologies”, the narrator uses the digression resource to propose a theory about the origin of homosexuality in Portuguese society. The chosen analytical path was that of the theoretical and methodological assumptions of the studies of the philosopher Michel Foucault, especially his method of archeogenetical analysis. In this sense, we analyze the text based on its historical, social implications and the power relations that surround it. With this work, we seek to understand the body as a discursive object and to investigate the production of knowledge and powers that affect it.

Keywords: Portuguese Literature. Abel Botelho. *O Barão de Lavos*. Michel Foucault. Body.

INTRODUÇÃO

Assuntos tidos como *tabus* sempre foram o estopim para discussões e violências em diferentes sociedades e em mais de um momento da história. As relações homoafetivas são exatamente um desses muitos tabus que sempre transitaram pelas penumbras dessas comunidades, sendo ocultadas e sofrendo apagamentos e silenciamentos. Essas medidas de negação deram certo por um tempo, até que se tornou tão forte, tão relevante, tão imponente — discursivamente falando — que precisou ser debatida, explicada e, conseqüentemente, controlada. É neste contexto, de uma busca por respostas e soluções para algo tido como anormal, que surgiram as inquietações abordadas no romance observado neste trabalho.

O final do século XIX foi conturbado em toda a Europa. A industrialização e militarização rápida dos países transformou o continente uma espécie de bomba-relógio que, como todos sabemos, explodiu e sentenciou milhares de milhões à morte. Mais do que industrial, os países estavam mudando social e culturalmente devido a uma série de novas descobertas, acontecimentos e criações. A virada dos séculos, ao mesmo tempo em que apontava para uma guerra, acendia uma luz que só a mudança é capaz de trazer. Em Portugal, não foi diferente. O país vivia uma crise em seu sistema político e os nervos, que desde as Guerras Liberais¹ estavam exaltados, permaneceram dessa mesma forma. Embora esse pequeno país ibérico se desenvolvesse industrialmente a passos mais lentos do que restante da Europa, as mudanças intelectuais e culturais estavam tão adiantadas quanto àquelas que ocorriam em Paris, a capital que ditava o mundo na época. É neste momento de transformações, mudanças, ânimos aflorados e de busca para se tentar entender o que estava acontecendo no mundo, que Abel Botelho (1854-1917), um escritor, político e diplomata, publicou, em 1891, *O Barão de Lavos*, romance analisado neste trabalho.

¹ As Guerras Liberais foram uma série de confrontos armados centrados na figura dos irmãos D. Miguel (absolutistas) e D. Pedro (liberal), ambos filhos de D. João VI. Após uma série de batalhas, acabou com uma vitória dos liberais, resultando no fim da Monarquia Absolutista em Portugal, dando lugar a um regime de Monarquia Parlamentarista.

Filiado ao Naturalismo português, esta obra é o primeiro romance de uma coletânea escrita pelo autor denominada *Patologias Sociais*², e composta de outros quatro livros: *O Livro de Alda* (1898), *Amanhã* (1901), *Fatal Dilema* (1907) e *Próspero Fortuna* (1910). Nesta série, Botelho investigou e tentou explicar a sociedade burguesa portuguesa, e entender o porquê de a burguesia estar em crise. O autor chama de *patologias sociais* os fatores que, para ele, são os principais responsáveis por esta crise e pelo declínio da mesma. Na obra em que analisamos, o tema explanado foi a homoafetividade e suas consequências sobre a sociedade lusitana. A personagem principal, D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, o Barão de Lavos, é um nobre casado com uma respeitada senhora, mas que esconde de todos os desejos homossexuais que o acompanham desde a adolescência. Esses desejos se tornaram irreprimíveis quando o barão conhece o jovem e belo artista circense Eugénio. O rapaz não corresponde aos sentimentos de D. Sebastião e sempre deixou isso claro. Mesmo assim, a personagem principal arriscou toda sua reputação para dar vazão aos seus desejos e se satisfazer com o *efebo*.³

Segundo Horácio Costa (2012), o romance se trata de uma metáfora da decadência das classes dominantes de Portugal, além de ser um dos primeiros rompimentos que se tem do tabu do homoerotismo na literatura de Portugal e, talvez, na própria Língua Portuguesa — apesar desse protagonismo ser apresentado na condição de “patologia”. Do mesmo modo, segundo o referido pesquisador, pode-se dizer que Botelho “[...] encarnou todos os lugares comuns em relação ao homossexualismo que a ética do século XIX preconizava”⁴ (COSTA, 2012, p. 73). Por isso, é válido reforçar que o romance não emerge para abrir lugar para a representação homossexual dentro da literatura, sendo, inclusive, anacrônico analisar a obra sob este viés. O autor escreve e descreve a homossexualidade aos olhos de um homem de sua época.

² Usamos, ao longo do texto, o termo patologia como sinônimo de homossexualidade porque é assim que o romance a trata. Não significa que a classifiquemos assim, trata-se apenas de uma aproximação com o texto literário para que as análises possam fazer sentido.

³ Na Grécia Antiga, um efebo era um adolescente do sexo masculino.

⁴ O autor utiliza o termo “homossexualismo”, que carrega uma carga semântica negativa, pois o sufixo “ismo” remete à ideia de doença, estigma que a homossexualidade levou durante séculos. Optamos por preservar a grafia original do autor apenas nas citações diretas.

António José Saraiva e Óscar Lopes (1985, p. 951) afirmam que Abel Botelho representa “o ponto extremo até onde chegou entre nós [os portugueses] a ficção naturalista da escola de Zola”. Nesse sentido, *O Barão de Lavos* fora escrito pelo mais fiel dos naturalistas portugueses, afirmação que, embora perigosa, faz sentido quando se olha para dentro do próprio texto literário, uma vez que todas as ações, pensamentos e características físicas e de personalidade possuem algum tipo de explicação. Essas explicações são feitas, sobretudo, pautadas em fatos históricos, sejam eles familiares ou de toda a sociedade. Ou seja, a partir de um caráter determinista, o meio e a ancestralidade formam o homem.

As obras que compõem o conjunto *Patologia Social*, segundo Saraiva e Lopes, são as produções mais conhecidas de Abel Botelho, e todas elas possuem como tema central a crítica sobre

[...] as grandes famílias titulares que apresenta corroídas pelas <<diáteses mórbidas>> de devassidões e alianças consanguíneas ancestrais; sobre os plutocratas monopolistas; sobre as congregações religiosas, que reconstituíam a despeito das leis constitucionistas, em íntima ligação com a classe dominante; e sobre os políticos que se alcandoravam à chefia dos partidos monárquicos através dos mais desonestos conluíus. (SARAIVA e LOPES, 1985, p. 951).

Botelho escreveu em um período histórico que é visto por Michel Foucault (1988) como um momento em que as influências do discurso clínico sobre o corpo estavam em evidência. Ou seja, tudo o que era *discursivizado* por médicos e profissionais da saúde tinha uma enorme influência sobre as práticas referentes ao corpo. Em momento algum do romance o narrador sentencia as atitudes do Barão em um plano religioso, por exemplo, mas sempre no campo social — ao apresentar as relações homoafetivas como uma das causas da decadência da classe burguesa — e genético-biológico — por tratar da *patologia* homossexualidade como um mal presente no dna lusitano. As explicações que o narrador apresenta sobre a existência desta *patologia* em tal dna são colonização greco-romana, pela suposta libertinagem sexual desses povos, as grandes navegações, que exigiam que homens tivessem que passar meses dentro de um navio com outros homens e ao monaquismo⁵, pelo

⁵ Vida em Mosteiros, destinadas exclusivamente à uma fé ou religião.

mesmo motivo da explicação anterior: o confinamento de homens em um determinado espaço.

No segundo capítulo do romance, utilizando-se do recurso narrativo da digressão, o narrador abre espaço para desenvolver toda uma historiografia do percurso da homossexualidade pela história ocidental, tentando explicar como ela chegou e se instaurou em Portugal. Assim, o narrador elenca os fatores citados anteriormente — colonização greco-romana, navegações e monaquismo — como sendo os responsáveis pela introdução e fixação desta *patologia* na sociedade portuguesa. É esta digressão que será tomada como material de análise deste trabalho. Nossos estudos não propõem fazer juízo de valor das posições do autor, uma vez que Abel Botelho escreveu no século XIX, com visões daquele momento e com discursos atravessados pelas instâncias de poder de seu tempo. O que buscamos é entender como os discursos e essas instâncias vigentes na época atravessaram a escrita de Botelho, tornando o romance um rico material para se averiguar os discursos que agiam sobre os saberes referentes à homossexualidade naquele período histórico.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Para analisar essa construção histórica feita por Botelho e compreender como a homossexualidade fora entendida no ocidente durante a parte final do século XIX, tomamos como base os pressupostos teóricos e metodológicos dos Estudos Discursivos Foucaultianos. O filósofo considera ser necessário entender que todo discurso

é um acontecimento que se liga a um código escrito ou mesmo verbalizado, porém acaba sempre ressuscitando, através de um campo de memória, outros discursos que afetam igualmente o que se diz no momento. Isto acontece porque o discurso é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2007, p. 31-32).

Não se trata de intenção, não se trata de vontade. Trata-se de uma regra que rege todos os enunciados, uma vez que estamos sempre repetindo/ressignificando alguns dos muitos discursos que recebemos e que nos atravessam ao longo da vida. Desse modo, os discursos presentes no romance de Botelho não são, necessariamente, inéditos, mas (re)atualizações de outros discursos, outras materialidades. Analisar discursos é procurar entender como a História, o corpo e o Poder atravessam a linguagem, influenciando naquilo que pensamos e reproduzimos. Esse jogo também afeta àqueles que não reproduzem um determinado discurso, mas que a ele estão relacionados.

Ao entendermos que os discursos atravessam *corpo e sexualidade*, faz-se necessário trazer a este trabalho algumas considerações teóricas acerca desses dois campos do saber. A *invenção teórica* do corpo nas Ciências Humanas, como aponta Jean-Jacques Courtine (2013, p. 8), é recente, e “parece constituir a preocupação central da genealogia foucaultiana, esta ‘articulação do corpo e da história’”. Segundo o teórico francês, o corpo só teve espaço nos estudos filosóficos no século XX, pois até então o que se tinha era uma maior atenção para a alma. Entretanto, Ciências Naturais, como a Medicina, já haviam eleito o corpo como um dos seus principais objetos de análise, como aponta Foucault em obras como *Nascimento da clínica* (1963) e *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975), por exemplo. Courtine (2013, p. 13) trata o século XX como aquele que “inventou o corpo”, uma vez que é neste período histórico que emergem as principais teorias sobre o corpo:

Contentar-me-ei em lembrar que esta invenção emergiu primeiramente da psicanálise, quando Freud soube mostrar, em seus *Estudos sobre a histeria* (1895), que dependia do inconsciente falar através do corpo. Mas também do campo filosófico ele mesmo, na ideia que Edmund Husserl se fazia do corpo como berço original de toda significação, que levou Merleau-Ponty a ali ver a encarnação da consciência, a “âncora do mundo”. E enfim daquele da antropologia, quando Marcel Mauss se impressiona, durante a Primeira Guerra Mundial, com a estranha maneira que tinham a seus olhos os soldados britânicos de marchar ou de cavar trincheiras, em seguida registrando sua surpresa em seu ensaio fundador sobre as “técnicas do corpo”. (COURTINE, 2013, p. 13).

De acordo com Courtine (2013, p. 14), o “acontecimento teórico” do corpo, no entanto, só foi se concretizar nas décadas de 1960 e 1970, pois, para o autor, as correntes marxistas, psicanalíticas e linguísticas anteriores a este período histórico — e que eram as mais fortes dentro das ciências humanas — não cederam lugar para os pensamentos relacionados ao corpo. Foi apenas a partir das grandes manifestações sociais ocorridas a partir do final da década de 1960, como *Maio de 68*⁶, por exemplo, quando os ideais de igualdade social e econômica ganharam a companhia de lutas em prol da igualdade de gênero e da diversidade sexual, que o corpo passou a ser um objeto de estudos relevante dentro das humanidades. Foucault inicia sua fase genealógica⁷ exatamente neste período, e Courtine admite que:

É, portanto, em grande parte à obra foucaultiana que se deve o enraizamento inicial do corpo no discurso das ciências humanas. O primeiro mérito de Foucault, que subscrevemos ou não à sua concepção das coerções que se exercem sobre a carne, é o de ter firmemente inscrito estas coerções no horizonte histórico de longa duração. Mas ele teria também acompanhado algumas das transformações ulteriores da apreensão do corpo pelo sujeito moderno. (COURTINE, 2013, p. 17).

Michel Foucault se tornou uma das maiores referências no que diz respeito aos estudos do corpo dentro das ciências humanas, pois desbravou um campo que sempre fora considerado secundário. O filósofo foi um dos teóricos do século XX que mostrou ser essencial olhar para o corpo quando se quer estudar e buscar traçar uma história do pensamento moderno. Foucault comprovou que o corpo é um lugar diretamente afetado pelos discursos, e que também é um lugar em que os discursos se materializam.

Nessa perspectiva, quando o filósofo lança seu olhar ao final do século XVIII, observa que neste período nasce uma nova *tecnologia do sexo* que conseguia, em partes, escapar da ordem religiosa — vigente à época — que se subdividiu entre a *pedagogia*, preocupada com a sexualidade das crianças; a *medicina*, que em seu início teve um foco maior na sexualidade

⁶ O Movimento de Maio de 68 foi uma série de protestos iniciados por estudantes na forma de greves estudantis e que logo foi aderido por diversos segmentos da sociedade francesa em 1968. Com pautas que iam desde melhores condições de trabalho até a de costumes, marcou toda uma geração que buscava liberdades individuais e do próprio corpo. A violenta repressão policial só fez aumentar o clamor público do movimento.

⁷ Fase em que o corpo passa a representar o objeto central dos estudos do filósofo.

das mulheres; e a *demografia*, que ocupou-se com os nascimentos (Foucault, 1988). Estes segmentos, mais tarde, ficariam conhecidos, também, segundo o filósofo (1988, p. 128), em outros termos: “pecado da juventude”, “doença dos nervos” e “fraudes contra a população”. De certa forma, já era possível observar a existência de métodos parecidos com esses durante o período de domínio dos discursos cristãos sobre o corpo, entretanto, o que ditava a importância da “normalidade” não era mais o medo do pecado e das consequências ao espírito, mas o temor pela vida e pelo corpo físico, com a constante preocupação com as doenças, pois a medicina, a pedagogia e a demografia alertavam sobre os perigos do sexo para o corpo e para a sociedade, e não para a alma.

A partir do momento em que a medicina adquire “independência” dos discursos e mecanismos de controle tradicionais, e passa a ver o corpo à sua maneira, uma série de outras transformações, agora dentro da própria medicina começam a ocorrer, o que acabou direcionando e segmentando os saberes do corpo, sexo e sexualidade para áreas de atuação cada vez mais específicas. Uma dessas transformações, segundo Foucault (1988, p. 128), é a separação da “medicina do sexo” — voltada exclusivamente para a sexualidade e suas implicações — da “medicina do corpo” (FOUCAULT, 1988, p. 129) — voltada para o corpo de uma forma geral. Dessa forma, as análises das anomalias, dos desvios, das enfermidades ou processos patológicos, por exemplo, ganharam um olhar ainda mais atento dentro da ordem clínica.

Foucault salienta que com este olhar mais cuidadoso, pode-se analisar melhor como o sexo também poderia significar perigo para uma sociedade se algumas prevenções não fossem tomadas. Com a *análise da hereditariedade*, o sexo passou a ocupar ainda mais uma posição de “responsabilidade biológica” (FOUCAULT, 1988, p. 129), uma vez que a propagação de doenças e males que viessem a ser transpassados hereditariamente, poderiam facilmente, significar um grande risco de colapso para toda uma sociedade. A necessidade de controle que se fez presente a partir desta preocupação deu aval a um projeto médico — que não deixou de ser político — em que se devia, aos olhos do filósofo, cuidar da “gestão estatal dos casamentos, nascimentos e sobrevivências; o sexo e sua fecundidade devem ser administrados.” (FOUCAULT, 1988, p. 129).

Observamos, então, como o Estado estava cada vez mais interessado e preocupado com as heranças biológicas que eram deixadas para as futuras gerações e a importância de se garantir corpos saudáveis era notória. Nesse sentido, as preocupações morais quanto à sexualidade, apesar de continuarem existindo, se tornaram secundárias — embora ainda úteis — e o que se teve foi a instauração de um *biopoder*, um poder que se ocupa de reger os corpos, suas ações e seus discursos.

O *biopoder* é o poder sobre a vida, que se ocupa de observar e regulamentar, através de diversos processos e procedimentos, os nascimentos, os óbitos e questões referentes à reprodução e à fecundidade. Para Foucault (1988, p. 152), este poder não se volta unicamente para o corpo do indivíduo, mas também para o “corpo-espécie” — corpo “transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos”, um corpo que influencia toda uma sociedade. O *Biopoder* contempla uma série de discursos e intervenções úteis aos estados capitalistas, que precisam de corpos saudáveis para manter a sua *máquina* funcionando.

Procurando entender como o discurso-narrativo presente no romance fora atravessado pelos discursos regentes do final do século XIX e início do século XX, recortamos quatro trechos do romance que chamaremos de *sequências narrativas* (SN), presentes na digressão feita dentro do segundo capítulo do romance, que versam sobre as explicações feitas pelo narrador sobre como a homossexualidade, considerada uma *patologia social*, chegou e se instaurou na sociedade portuguesa. Estas sequências foram separadas em dois quadros, contendo o primeiro as explicações do narrador acerca dos gregos e romanos, e o segundo sobre a clausura em navios e conventos/colégios religiosos.

AS INFLUÊNCIAS GRECO-LATINAS

Existe em nossa tradição uma ideia de que há uma dicotomia *cristianismo VS paganismo* quanto às maneiras como esses grupos enxergavam a sexualidade humana. De fato, segundo Foucault (2018), existem diferenças notórias na maneira como o cristianismo e as sociedades pagãs, sobretudo a gregas e a romanas, olhavam para o sexo. Essas diferenças se pautam principalmente *no valor do ato sexual* — que quando praticado fora de um sistema

de regras, é tido como pecaminoso e sujeito à punição divina, dentro da tradição cristã —; na *delimitação do parceiro* — o cristianismo defende uma monogamia heterossexual, enquanto que, em certos casos, esses outros grupos não condenavam a poligamia —; além da própria *condenação da homossexualidade*, aceita em algumas circunstâncias dentro dessas sociedades tidas como pagãs, mas não para os cristãos. A glorificação da castidade dentro do cristianismo é outro fato que merece ser destacado.

Apesar dessas considerações, Michel Foucault (2018) aponta que essa dicotomia não seria totalmente correta porque alguns dogmas da filosofia cristã foram atravessados por alguns preceitos de determinadas doutrinas pagãs. Para comprovar suas afirmações, o filósofo cita o décimo capítulo do segundo livro do *Pedagogo*, escrito por Clemente de Alexandria (150 d. C. - 215 d. C.), em que já se pode, segundo o autor, notar associações entre o ato sexual e o *mal*, a condenação do sexo homossexual e a defesa da monogamia e do sexo como atividade unicamente procriadora.

O filósofo francês aponta que o pensamento médico do século XIX — momento em que Botelho escreve *O Barão de Lavos* — é consideravelmente influenciado pela noção de que a prática sexual excessiva seria maléfica para o corpo, podendo levar até mesmo à morte. Foucault (2018, p. 22) aponta duas vertentes para esse pensamento: a primeira seria a tradição cristã, que sempre colocou o prazer no campo da morte e do mal; enquanto que a segunda seria oriunda da Grécia Antiga, mais precisamente, do pensamento de algumas figuras relevantes da medicina grega, como o médico Areteu da Capadócia, nascido no século I d. C., que já alarmava sobre os possíveis riscos de uma vida sexual desregrada para o corpo e a saúde:

Os jovens com uma perda de sêmen “carregam em todos os hábitos do corpo a marca da caducidade e da velhice; eles se tornam relaxados, sem força, entorpecidos, estúpidos prostrados, curvados, incapazes de qualquer coisa, com a tez pálida, branca efeminada, sem apetite, sem calor, os membros pesados, as pernas dormentes, uma extrema fraqueza, enfim, numa palavra, quase totalmente perdidos. Essa doença chega a ser, para muitos, uma via para a paralisia;” [...] Essa doença “em si mesma vergonhosa” é “perigosa no que leva ao marasmo, nociva à sociedade na medida em que se opõe à propagação da espécie: porque ela é, em todos os aspectos, a fonte de uma infinidade de

males, exige socorros urgentes. (ARETÉE. Des signes et de la cure de maladies chroniques, II, 5. apud. FOUCAULT, 2018, p. 21).

O médico grego aponta suas preocupações quanto aos exageros nas — e das — práticas sexuais, exageros que poderiam causar a “perda de sêmen”, que implicaria em uma fonte interminável de malefícios. O texto comprova que já na Grécia Antiga o discurso clínico se preocupava e teorizava sobre as influências do sexo na sociedade e na espécie, além de demonstrar que mesmo numa sociedade tida como pagã existiram indivíduos que não compactuavam com maiores liberdades sexuais. Outra figura relevante da medicina grega, Sorano (Soranus) de Éfeso, que viveu entre os séculos I e II d. C., “considerava que a atividade sexual seria, em qualquer hipótese, menos favorável à saúde do que a pura e simples abstenção e a virgindade” (FOUCAULT, 2018, p. 22). Nota-se, então, um diálogo dessas ideias com as hipóteses de Areteu e, de certo modo, a abertura desse precedente para os futuros profissionais da medicina ao longo da história.

No que diz respeito à monogamia e a fidelidade, Foucault (2018) afirma que, embora não fosse a norma, existiram nas sociedades greco-romanas tanto correntes filosóficas — como o *Estoicismo Tardio* — quanto figuras e grupos moralistas que defendiam um certo puritanismo das relações afetivo-sexuais. Na Roma Antiga, por exemplo, Catão, O Velho (234 a. C. – 149 d. C.) preservou sua virgindade até o casamento, enquanto que Lelius (235 a. C. - ?), tocou em uma única mulher ao longo de sua vida: a esposa (FOUCAULT, 2018). Essas duas figuras exemplificam como a castidade e a fidelidade foram também louvadas na sociedade Romana, pois ambos foram indivíduos relevantes para a história e tomados como bons exemplos a serem seguidos.

Já na Grécia Antiga, embora as leis, em suma, não punissem o adultério, essa prática já era, de certo modo, pouco aprovada: “A “fidelidade” sexual do marido com relação à sua esposa legítima não era exigida pelas leis nem pelos costumes; não deixava de ser, contudo, uma questão que se colocava e uma forma de austeridade a que certos moralistas conferiam grande valor” (FOUCAULT, 2018, p. 24). Em discurso, atribuído por Isócrates (436 a. C. – 338 a. C.), Nicocles (? – 310 a. C.) defendeu e reforçou a importância política e moral do casamento para a vida do homem e para o bem-estar da sociedade (Foucault, 2018), tomando

como exemplo o seu próprio matrimônio, uma vez que afirmava jamais ter tido outra mulher, que não a sua esposa. Aristóteles, por exemplo, para sua *cidade ideal*, não aprovava que um homem tomasse outra mulher, ou que uma mulher tomasse outro homem que não fosse seus respectivos parceiros (Foucault, 2018).

É se inscrevendo dentro de uma tradição intelectual que desconsidera essas considerações feitas por Foucault (2018), e que vê as sociedades greco-romanas como sociedades *desvairadas* sexualmente, que o narrador de *O Barão de Lavos* defende que a colonização greco-latina está diretamente ligada à chegada e propagação da *patologia social* da homossexualidade. Por se tratar de um romance filiado ao Naturalismo, observamos um narrador que a todo o momento tenta justificar as ações e comportamentos das suas personagens. Não à toa o romance transita constantemente entre os fatos do presente e do passado, para que o leitor possa compreender melhor as atitudes das personagens. É neste sentido que, no segundo capítulo, abre-se uma digressão para tentar explicar como e porque o Barão sente atração por homens, e de que maneira tais comportamentos colaboram com a decadência da burguesia portuguesa.

Quadro 1: SNs referentes à tradição greco-romana.

Sequência narrativa 1 (SN1)	Sequência narrativa 2 (SN2)
<p>O atavismo fez explodir nêste com rábida energia todos os vícios constitucionais que bacilavam no sangue da sua raça, exagerados numa confluência de seis gerações, de envolta com instintos doidos de pederasta, inoculados e progressivamente agravados na sociedade portuguesa pelo modalismo etnológico da sua formação. A inversão sexual do amor, o culto dos efêbos, a preferência dada sobre a mulher aos belos adolescentes, veio nos com a colonização grega e romana. Nos Gregos a pederastia era uma paixão comum e de nenhuma forma desprezível. Cantavam-na e celebravam-na publicamente. A obscena invenção de Ganimedes, príncipe troiano de uma beleza</p>	<p>Os Romanos imitaram, e excederam por conseguinte, os povos mais velhos do Oriente no gosto da pederastia. Ao tempo de Augusto, o amor de homem para homem era a mais banal das paixões. [...]</p> <p>De Roma é claro que a paixão dentro do mesmo sexo alastrou para as colônias. A contaminação era fatal. Sofreu-lhe os efeitos a Península Hispânica, mormente no sul e no oeste, aonde mais demorada e mais poderosa foi a influência etológica dos Romanos. (BOTELHO, 1920, p. 23-24).</p>

maravilhosa, arrebatado e transportado ao Olimpo pela águia de Júpiter para substituir Hébé, a <i>hetaira</i> divina, no serviço particular dos deuses é um símbolo; dá o documento frisante de quanto era honrado o efébio na antiga Grécia. (BOTELHO, 1920, p. 22-23).	
--	--

A maneira como a homossexualidade era vista dentro da tradição greco-romana é um ponto crucial na argumentação do narrador. Dentro da digressão e, sobretudo nas SN1 e SN2, notamos os primeiros exercícios que o narrador faz para tentar compreender como a homossexualidade teria chegado à sociedade portuguesa. A primeira tese apresentada, então, é a influência da tradição grega e da colonização romana, sociedades em que as relações homoafetivas, seriam, supostamente, banalizadas. De fato, como veremos, o amor homossexual não recebia olhares tão moralizantes como nas sociedades cristãs modernas, contudo, a complexidade do assunto faz com que precisemos fazer uma análise mais cuidadosa daquele momento histórico.

A SN1 está disposta, textualmente, logo após a apresentação do primeiro ascendente de D. Sebastião, destacando uma série de situações comportamentais e de personalidade — que abordaremos adiante — apresentadas no texto como certas *deficiências biológicas*, que também são apresentadas como vícios. Essas deficiências que acompanharam os integrantes da família Castro e Noronha teriam se manifestado de maneira mais evidente na personagem em questão. As escolhas lexicais de quem narra o texto demonstram uma tentativa de análise clínica do Barão: a personagem é assim por conta do “atavismo” (BOTELHO, 1920, p. 22), ou seja, da hereditariedade biológica que permite que este vício transite pelo sangue *bacilar* (BOTELHO, 1920, p. 22) da família.

Ainda na SN1, o narrador tenta justificar que na Grécia Antiga as relações homoafetivas seriam comuns — mais do que comum, seriam louvadas —, e para isso recorre ao mito de Ganimedes, em que Zeus — ou Júpiter, segundo a tradição romana — teria, na forma de uma águia, raptado o jovem Ganimedes, príncipe de Tróia e o mais belo rapaz entre

os mortais, após ficar atordoado pela beleza do rapaz⁸. Após o rapto, o *Senhor dos Céus* teria transformado o jovem no copeiro do Olimpo, posição antes ocupada pela deusa Hebe. A imagem da águia, que era o próprio deus, possuindo aquele *efebo* e o levando para o Olimpo, representada dentro da arte em obras como *O rapto de Ganimedes* (1638), do pintor barroco Peter Paul Rubens (1577-1640), faz parte do imaginário ocidental como uma das primeiras imagens de uma relação homoafetiva. Desse modo, o narrador acredita que o fato de o próprio Júpiter ter se rendido a uma paixão homossexual teria tornado “honrado o efebismo na antiga Grécia” (BOTELHO, 1920, p. 23).

Quanto à SN2, o narrador defende que os romanos não só teriam imitado os gregos no apreço pela *pederastia*, como indo além, no sentido de que enquanto que os gregos teriam mantido suas práticas dentro dos limites de seus territórios, os romanos as levavam para as suas colônias. Com efeito, a Península Ibérica como sendo parte dos territórios daquele povo, logo registrariam casos de *pederastia*. O texto ainda deixa claro que as regiões da península onde estas influências mais se enraizaram foram o sul e oeste, onde hoje está disposto o território português.

Michel Foucault afirma que os textos do século XIX foram, talvez, aqueles que mais teceram olhares rígidos à exterioridade dos corpos, condenando efetivamente os traços *afeminados*. Esses corpos representavam, segundo o autor, uma afronta à virilidade, aspecto fundamental para o homem daquele tempo, e correspondia a uma “mentira sexual” (FOUCAULT, 2018, p. 24). O corpo masculino afeminado figurava, desse modo, uma desonra à virilidade e um crime contra a natureza.

Existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido [nos textos do século XIX]: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem regularmente, parte dessa descrição desqualificadora. (FOUCAULT, 2018, p. 24).

⁸ Nesse ponto, é curioso como o narrador utiliza a nomenclatura romana do *deus dos deuses*, “Júpiter”, quando argumenta acerca de uma situação recorrente à Grécia Antiga.

Essa imagem-estereótipo, do corpo afeminado como afronta à natureza, aos olhos de Foucault, não esteve presente apenas no referido século, mas em vários outros momentos da História. Tampouco, associar essa imagem à decadência moral de um determinado grupo, como faz o narrador de *O Barão de Lavos*, seria uma novidade do século XIX. Sêneca, o Retórico (? – 65 d. C.), segundo Foucault (2018), já no século I apontava uma ligação direta entre a decadência da juventude da época com a presença de indivíduos afeminados:

A paixão doentia de cantar e dançar enche a alma de nossos efeminados; ondular os cabelos, tornar a voz suficientemente tênue para igualar a carícia das vozes femininas, rivalizar com as mulheres através da lassidão de atitudes, estudar-se em perquirições muito obscenas, eis o ideal de nossos adolescentes... Enfraquecidos e enervados desde o nascimento, eles assim permanecem, sempre prontos a atacar o pudor dos outros sem se ocupar com o próprio. (SÊNECA, *Controverses*, Prefácio, p. 8 apud. FOUCAULT, 2018, p. 25).

O fato é que os pagãos não necessariamente viam a homossexualidade como uma indulgência, ao tempo em que, não necessariamente, a veneravam. O tema é muito mais embaraçoso do que simplesmente resumir em *permitido / não permitido*, de modo que não havia uma visão única sobre o assunto.

Paul Veyne (2008) reforça as ideias de Foucault quando afirma que as relações sexuais entre dois homens eram *reprovadas*, mas não necessariamente *censuradas*. O ponto principal do problema era a posição do sujeito durante o ato sexual: homossexualidade ativa ou homossexualidade passiva, afinal, era

[...] monstruoso por parte de um cidadão ter prazeres servilmente passivos. Apuleio, que qualificava de antinaturais certos prazeres infames entre os homens, não estigmatiza a homossexualidade, mas o servilismo e também a sofisticação. Porque quando um Antigo diz que uma coisa não é natural não quer dizer que seja monstruosa, mas que não está conforme às regras sociais, ou então é falsa, artificial: a natureza visava, quer se tratasse da sociedade ou de um ideal ecológico, ao domínio de si e à independência: era necessário contentar-se com o pouco que a natureza exige. Daí as posições dos Antigos diante da hemofilia: a maioria indulgente a considerava normal e os moralistas políticos por vezes a consideravam artificial, assim como, pelo mesmo motivo, todo prazer amoroso. (VEYNE, 2008, p. 230).

As considerações do filósofo romano Apuleio (125-170 d. C) demonstram, exatamente, como a grande questão para o homem nessas sociedades antigas não era com quem ele se relacionava, mas *como* ele se relacionava. O grego Artemidoro de Éfeso, que viveu no século II depois de Cristo, segundo Paul Veyne, considerava normal que um homem se deitasse com o seu escravo da mesma maneira como se deitava com a sua esposa. O que não podia acontecer era este homem se deitar com o servo na posição passiva (VEYNE, 2008), pois a passividade no ato sexual representava uma afronta à virilidade que os gregos repudiavam.

Olhar para as relações homossexuais na Grécia e Roma Antigas é um exercício que exige certa cautela. Não se pode, como dissemos antes, resumir tais relações, nessas duas sociedades tão complexas, como *permitido/normal* ou *proibido/anormal*. O que se pode dizer é que quando se julgava a homossexualidade, não era a partir de um tribunal sagrado ou religioso, como aconteceu nas sociedades europeias cristãs. Nessas duas sociedades antigas o julgamento moral da homossexualidade dependia muito de quem a praticava e de que maneira este indivíduo a praticava. O *crime*, se assim podemos dizer, só existia quando a virilidade era comprometida:

Nesse mundo, a conduta de cada um não era classificada segundo o sexo, amor das mulheres ou dos rapazes, mas em atividade ou passividade: ser ativo era ser um macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. [...] havia um desprezo colossal pelo homem adulto e livre que fosse um homófilo passivo ou, como se dizia em Roma, *impudicus* (eis o sentido desconhecido dessa palavra) ou na Grécia, *diatithémenos*. (VEYNE, 2008, p. 233-234).

O Barão de Lavos carrega exatamente esses traços que denunciam a ausência, ou a deficiência, de virilidade que os gregos e romanos condenavam, o que demonstra que mesmo nessas sociedades que o narrador condena como sendo libertinas e *culpadas* pela existência da *pederastia* no século XIX, a personagem já seria alvo de julgamentos caso vivesse nelas. Quando completou 16 anos de idade e saiu do colégio jesuíta em que estudara ao longo da vida, D. Sebastião é descrito como sendo dono de uma “conformação feminina: cabeça pequena, ombros estreitos e ladeiros, bacia ampla, rins muito elásticos, os pés metendo para

dentro. O rosto, dum alvo rosado lanugento e macio, tinha uma expressão menineira e ingênua, um ar tocante de fragilidade e doçura.” (BOTELHO, 1920, p. 28).

O barão também carregava outra característica fisiológica apontada como um dos elementos que denunciam a falta de virilidade: a esterilidade. Quando ainda era solteiro, D. Sebastião fora acometido por uma “orquite” (BOTELHO, 1920, p. 33), um tipo de infecção nos testículos, que anulou sua capacidade reprodutora. Desse modo, tornou-se um homem incapaz de germinar em uma mulher a semente da sua estirpe, uma das maiores desonras e infelicidades para um homem na época.

A maneira como as sociedades antigas tratavam a sexualidade — sobretudo a homossexualidade — é, evidentemente, diferente de como as sociedades europeias modernas a trataram. As relações homossexuais masculinas não eram, de fato, tão condenadas na Grécia Antiga, por exemplo, como foram na Europa Cristã. Entretanto, o corpo masculino afeminado, já naquela época, era alvo de repulsa e de estranhamentos, além culpado por decadências morais. Muito pior do que se deitar com outro homem, era fazê-lo na posição passiva. É importante, também, salientar que a passividade não era encarada como um desvio, ou uma deficiência da virilidade, mas sim como um dos efeitos da falta desta (VEYNE, 2008), e, por este motivo, quando um adulto livre agia ou tinha preferências passivas, era considerado um indivíduo desprezível.

Outro ponto relevante é que a sociedade romana, aos olhos de Paul Veyne (2008), não era uma sociedade em que os cidadãos se questionavam, propriamente, sobre a homo, bi ou heterossexualidade dos demais, mas que vigiavam constantemente os comportamentos dos indivíduos, buscando traços que pudessem denunciar uma eventual ausência de virilidade. Nesse sentido, o narrador do romance se inscreve nessa tradição de vigilância dos corpos, uma vez que as características físicas da personagem principal são apontadas como um elemento relevante e diretamente ligado aos seus comportamentos sexuais-afetivos.

O CONFINAMENTO EM NAVIOS E CONVENTOS/COLÉGIOS

O quadro abaixo contém as duas sequências narrativas que versam sobre a tese de que o confinamento de homens em um espaço aumenta as chances da *propagação da patologia*.

Quadro 2: SNs referentes às influências monásticas e das navegações.

Sequência narrativa 3 (SN3)	Sequência narrativa 4 (SN4)
Compreende-se como centenas de homens válidos, desviados da labuta habitual da vida e mantidos em contacto recíproco permanente; com a imaginação e a carne falando alto, excitadamente, na estreita e forçada permanência a bordo ou na eterna ociosidade da clausura; sistematicamente afastados do comércio de qualquer ordem com a mulher, haviam de por força procurar iludir, em ascoentas aproximações de uns com os outros, as iniludíveis exigências dos seus instintos. (BOTELHO, 1920, p. 24-25).	Na última integração da sua fisionomia social os conventos não foram mais do que isto, — uma criminosa burla ao dinamismo prolífico da natureza, uma cravagem de centeio mística, um <i>veto</i> espiritual à maternidade. Eram casas tolerantes de prostituição, defendidas pelo lema hipócrita do voto. O mundo antigo era mais franco. Na Grécia os efeminados varriam galhardamente com suas caudas de púrpura as lágias das praças públicas, sob a luz magnânima do sol; no mundo latino os tonsurados, do primeiro cardeal ao derradeiro fámulo, erguiam furtivamente o burel ou a seda na sombra cúmplice dos claustros, e entregavam-se baixando os olhos contritos ante das imagens do Deus vingador. Com a diuturnidade da causa, o mal prosperou e enraizou-se, alargando sôbre a geração de hoje um império feroz e dissolvente. (BOTELHO, 1920, p. 25).

Ainda dentro da digressão, o narrador aponta para a influência das *Navegações* e a *culpa e hipocrisia do Clero* como *culpados* pela existência de indivíduos como D. Sebastião na sociedade portuguesa, pois “o germem mórbido [dos povos latinos] resistira, latente” (BOTELHO, 1920, p. 24). A personagem principal da narrativa carrega em seu corpo e sua história as marcas dessas duas instituições.

A primeira SN versa exatamente sobre a influência das navegações para a *propagação* da homossexualidade na sociedade portuguesa. Ao longo de séculos, Portugal — quando ainda era reino — detinha grande poder naval, expandindo seu poder e influência para diversas regiões do mundo, como partes da Ásia, da África e da América. Milhares de homens, dos mais distintos berços e origens, estiveram envolvidos nesse processo, uma vez que a atividade marítima se tornou parte fundamental da economia portuguesa.

Um desses homens, dentro da esfera do romance, foi o fundador da estirpe do barão, um homem apresentado apenas como “Castro”, dono de uma personalidade zombeteira e importuna, que tentara, em 1541, embarcar para as Índias na esquadria de Martins Afonso de Sousa⁹. Entretanto, segundo o narrador, o homem tinha aversão ao mar, pois “era mole, doente, linfático, poltrão” (BOTELHO, 1920, p. 21), e acabou por fugir com uma moça de origem castelhana, com quem se casou e teve filhos.

Embora não tenha participado dessas navegações, o antepassado de D. Sebastião já carregava esses traços de fragilidade e fraqueza, que são usados pelo narrador para explicar a personalidade do barão. Outro ponto é que, dentro da Escola Naturalista, o ambiente social também influencia a composição moral das personagens e, desse modo, por mais que seu ancestral não tenha se lançado ao mar, o fato de tantos portugueses terem seguido este caminho, passando meses e mais meses em uma embarcação com outros homens, faz com que o narrador acredite que essas circunstâncias fizeram com que esses indivíduos buscassem uns aos outros para saciar seus desejos e carências sexuais-afetivas e, ainda, denuncie que dentro desses ambientes ocorressem

“[...] a desvirtuação dos sexos; a obliteração das funções genésicas; o amor saciado grotescamente, incompletamente; a luxúria olhada com um fim, como uma regalia sensorial da carne, em vez de ser cultivada na compenetração do seu mistér sagrado, como um simples meio de perpetuar a espécie. (BOTELHO, 1920, p. 25).

⁹ Martins Afonso de Souza (1490-1564), como figura histórica, foi um aristocrata, navegador, militar e administrador colonial português. Governou o território lusitano da Índia entre 1542 e 1545.

Dentro do romance, mais de uma vez a homossexualidade é tratada como um vício, um vírus ou doença, algo que pode contaminar e acometer os corpos e as almas, pois, lembremos, o romance faz parte de uma série denominada *patologia social*, ou seja, denuncia desvios da normalidade. Com efeito, entende-se que para o narrador a homossexualidade era facilmente *transmitida* dentro dos navios assim como a verminose, a febre amarela ou a cólera.

O monaquismo, como mostra a SN⁴, foi outro fato denunciado pelo narrador como responsável pela existência da homossexualidade na sociedade portuguesa. O narrador nos fala em um momento histórico em que os discursos anticlericais estavam em voga naquele país — assim como estiveram durante quase todo o século XIX — e suas posições se mostram atravessadas por esses discursos, como aponta Luís Machado de Abreu:

É frequente ver-se nas manifestações anticlericais a insistência em pontos negativos da vida de algumas figuras do clero, com especial incidência em matéria de comportamento sexual. O aproveitamento estrondoso dos escândalos alimenta-se e amplia-se mediante processos adequados de retórica popular, tais como a generalização e a diabolização. Mediante a generalização, é atribuída a toda a classe eclesiástica ou às figuras mais relevantes dela o que devia ser assacado à responsabilidade pessoal de um ou outro membro. Pelo recurso da diabolização, converte-se em em procedimento abjecto, monstruoso, o que por vezes não passa de incidente menor, de mera suspeita ou de episódio de desvio. (ABREU, 2004, p. 29).

Esses discursos anticlericais, então, se aproveitavam de certas generalizações para tentar comprometer a imagem do Clero, lançando suspeitas e sentenças, sobretudo, às condutas sexuais dos membros da Igreja, numa campanha “panfletária”, que Abreu (2004, p. 29) chama de “anticlericalismo pornográfico”.

O narrador vê os conventos como “uma criminosa burla ao dinamismo da natureza” (BOTELHO, 1920, p. 25), pois coloca em dúvida o celibato dos que lá viviam, afirmando que nestes lugares a prostituição era tolerada. Embora o Barão não tenha vivido em um convento, mas em um colégio jesuíta, a tese se aplica igualmente, pois nesses lugares os rapazes também eram submetidos a clausura com outros rapazes e viviam sob princípios que dialogavam, minimamente, com os dos conventos. Ao final da SN, narrador aponta, também,

mais uma vez, para as sociedades grega e romana, afirmando que, na primeira, homens *afeminados* expunham seus corpos *não-viris* tranquila e publicamente, enquanto que, na sociedade latina, religiosos das mais diversas patentes se entregavam uns aos outros, em luxúria, diante da imagem de Deus.

D. Sebastião Pires de Castro e Noronha teria estudado e passado a sua juventude no colégio jesuíta de Campolide (BOTELHO, 1920, p. 26), onde desde cedo demonstrara interesse pela intelectualidade e pelas artes. Foi lá também que viu florescer sua sexualidade, dando vazão, em determinado momento, aos seus desejos *proibidos*. Desde o início de sua caminhada no colégio, o pequeno Barão já dava indícios de ter uma sexualidade considerada *desregrada*, pois quando ainda era criança fora flagrado, durante a madrugada, fora de sua cama, “a fazer versos profanos” (BOTELHO, 1920, p. 26), sem que fosse, aos olhos do narrador, devidamente repreendido. Quando se tornou adolescente, deixou de fazer apenas versos impróprios, para ter *sentimentos impróprios* pelos próprios colegas, desejos que nasciam a partir de situações diversas, algumas delas rotineiras:

Com o penugar da adolescência veio-lhe o impulso de verter nos companheiros as demasias da sua alma generosa e ávida. Amou alguns dos colegiais que lhe orçavam pela idade. Foi excessivo. Destas sceninhas adoravelmente ridículas, que são triviais nos colégios, — trocas de solilóquios inflamados, cartas, exorações, amuos, rancores, ciumes, pugilatos, ensaios precipitados de cópula no palmo quadrado das latrinas, — de tudo teve o futuro barão num grau exagerado e quente, a que sua compleição débil e requintada vestia o máximo colorido. (BOTELHO, 1920, p. 26-27).

Observamos, então, como o barão desde cedo já subvertia, de certo modo, as ações e comportamentos dos outros diante dele. Algumas atitudes tidas pelo narrador como normais em ambientes escolares, como trocas de socos em tom de brincadeira (pugilatos), conversas mais aprofundadas (solilóquios inflamados) e o ato de imitar movimentos sexuais frente a algum objeto (ensaios precipitados de cópula), faziam ferver no jovem Sebastião pensamentos, desejos e fantasias para com seus colegas. Como não era correspondido, acabava por ter que provocar em si próprio uma “evacuação seminal” (BOTELHO, 1920, p. 27), ou seja, masturbava-se pensando em seus condiscípulos.

A ausência de reciprocidade não durou para sempre. O Barão logo encontrou um rapaz que com ele quis se deitar. Combinaram de uma noite Sebastião se dirigir ao aposento do jovem onde, ao que tudo indica, tiveram uma relação sexual. A personagem principal acabou sendo pega no retorno ao seu quarto, o que gerou uma punição, não pelo ato que cometera como colega — isso nem descoberto foi —, mas por estar perambulando pelas dependências do colégio durante madrugada.

Este é exatamente um dos pontos argumentativos do narrador para acusar o Clero de ser um dos responsáveis pela existência da *pederastia* na sociedade portuguesa: D. Sebastião passou parte da infância e toda a adolescência em um colégio jesuíta, escreveu versos profanos, desejou, se masturbou e até mesmo transou com outro rapaz. Desses *crimes*, apenas o primeiro, de fato, fora descoberto e punido, enquanto que os outros jamais foram de conhecimento dos superiores. Aos olhos do narrador, isso é um dos fatores determinantes para que o Barão tenha saído do colégio, aos dezesseis anos, “com as propensões viciosas peoradas” (BOTELHO, 1920, p. 28). Nesse sentido, a vida no colégio jesuíta teria agravado a sua *patologia social*. Estes fatos fazem com o que narrador se sinta seguro para afirmar que os conventos e colégios religiosos foram, assim como a colonização greco-romana e as navegações, responsáveis diretos pela chegada e *propagação* da *patologia da pederastia* na sociedade portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, filiado à corrente foucaultiana de se analisar textos, não buscou fazer juízo de valor ou mesmo críticas ao romance e/ou seu escritor. Procuramos averiguar as condições que fizeram com que a homossexualidade fosse descrita e apresentada da forma como foi, lançando olhares sobre a sociedade e as instâncias de poder vigentes na época. O romance de Abel Botelho apresenta uma visão sobre a homossexualidade diretamente influenciada e atravessada pelos discursos clínicos e pelo *Biopoder*, uma vez que as relações homossexuais não são julgadas em um tribunal religioso, mas sim em um campo *biológico*, como uma condição patológica que pode acometer os indivíduos e sentenciar toda uma

sociedade. Não à toa que a homossexualidade é vista por Botelho como uma *patologia*. A escola literária a qual está filiado o autor, o Naturalismo, contém produções literárias em que o apelo às condições biológico-naturais é notório, e este apelo se torna refém das teorias *evolucionistas* da época. Com efeito, o narrador se sente livre para descrever a homossexualidade como uma patologia que chegou com a colonização greco-latina e se espalhou com as grandes navegações, conventos e colégios religiosos. Este último ponto também aponta para um outro discurso em evidência durante o século XIX: o anticlericalismo. Com as revoltas liberais tão frequentes naquele período histórico, tornaram-se comuns os discursos de depreciação ao Clero, o que gerou toda uma tradição intelectual de questionamentos incisivos quanto às instituições eclesiásticas tradicionais.

D. Sebastião de Castro e Noronha, o Barão de Lavos, não é homossexual porque a homossexualidade é um traço comum da raça humana. Este pensamento é fruto do nosso tempo e só adquiriu o status de *verdade científica* recentemente. Aos olhos dos naturalistas do final do século XIX, influenciados pelo Biopoder — uma vez que o narrador sempre analisa as condições, escolhas e posições da personagem com um viés biológico, muitas vezes clínico, em sua essência e seus desdobramentos — e pelos discursos anticlericais, a personagem só poderia ser homossexual porque detinha os atributos necessários para ser acometido pela *patologia da pederastia*.

Nas lacunas do que não se sabe, abrem-se pontos de indefinição. Não se sabia ao certo o que acontecia nas caravelas portuguesas que ficavam meses em alto mar; não era de conhecimento público tudo o que se passava dentro dos conventos e colégios religiosos; do mesmo modo, no momento em que o romance fora escrito, pouco se sabia, cientificamente, sobre a homossexualidade. Essas lacunas existentes graças ao *desconhecimento*, esses pontos de indefinição, abriram espaços para os surgimentos de diferentes mitos e teorias, cada um deles *refém* dos discursos vigentes em seu tempo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Machado de. **Ensaio anticlericais**. Lisboa: Roma Editora, 2004.

BOTELHO, Abel. **O Barão de Lavos**. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1920.

COSTA, Horácio. Surpresas do naturalismo luso-brasileiro: Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, e O Barão de Lavos, de Abel Botelho. In: LUGARINHO, Mário Cesar. **Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer**. Manaus: UEA Edições, 2012. p. 65-74.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1985.

VEYNE, Paul. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.